

A ASSUSTADORA HISTÓRIA DOS 10 NEGRINHOS: O USO DA LITERATURA NA CONSTRUÇÃO DA DIFERENCIAÇÃO ÉTNICO RACIAL

ELIAS KRUGER ALBRECHT¹; PATRÍCIA WEIDUSCHADT²

¹Universidade Federal de Pelotas – eliask.albrecht@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – prweidus@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O presente estudo é parte da minha pesquisa de mestrado que teve como motivação investigar cartilhas alemãs usadas na alfabetização em escolas sinodais luteranas na região meridional do Rio Grande do Sul. Tais cartilhas foram elaboradas entre 1923 e 1933, levando em consideração aspectos étnicos e culturais do público ao qual era destinada, bem como os princípios doutrinários dos sínodos¹ aos quais as editoras estavam vinculadas (DREHER, 1984; KREUTZ, 1994; WEIDUSCHADT, 2007). Buscou-se assim, saber como as suas representações ilustrativas colaboraram na ressignificação étnica e cultural do público ao qual eram destinadas.

Objetiva-se no presente trabalho trazer uma discussão acerca de uma atividade matemática presente em uma das cartilhas que integra o corpus da pesquisa. Trata-se da cartilha *Mein Rechenbuch* produzida no ano de 1933 pela editora Rotermund, tendo o objetivo de auxiliar professores protestantes e católicos no ensino da matemática adaptada à realidade do aluno morador do meio rural.

A *Mein Rechenbuch* é uma cartilha de alfabetização matemática dedicada aos anos iniciais e foi elaborada para atender o ensino dos números 1 a 100 da tabuada, das quatro operações matemáticas, pesos e medidas, operações decimais básicas usadas no dia a dia. Continha uma linguagem visual, trazendo ilustrações de atividades do meio rural, do cotidiano doméstico e comercial. Assim como as demais cartilhas, a *Mein Rechenbuch*, utilizou-se de ilustrações do cotidiano do público alvo da cartilha, como suporte didático para a assimilação do conteúdo ensinado. Porém, entre as atividades propostas na cartilha, uma destaca-se por fazer uso de uma representação de negros para a realização de um cálculo numérico. O que chama a atenção é que tal metodologia não aparece nas demais cartilhas que foram produzidas na década de 1920, ocorrendo assim, uma mudança desta cartilha em relação as que foram produzidas na década anterior. Em virtude dos argumentos apresentados é preciso segundo Bacellar (2008) entender as relações sociais estabelecidas, pois, o documento é antes de mais nada uma representação da sociedade em que foi forjado.

2. METODOLOGIA

A abordagem metodológica da pesquisa está apoiada na perspectiva da História Cultural e no conceito de representação (PESAVENTO, 2005) para pensar esta ilustração como um instrumento de conhecimento mediato. Busca-se em

¹Sínodo Rio-Grandense, atual Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB). Para aprofundar no assunto ver Dreher (1984), e Sínodo de Missouri, atual Igreja Evangélica Luterana do Brasil (IELB). Para aprofundar o assunto ver Weiduschadt (2007).

Bacellar (2008) pensar a cartilha como uma fonte com as particularidades do seu tempo.

Com base nestes autores buscou-se questionar qual a influência dos acontecimentos políticos em curso no momento da elaboração da cartilha? E qual o propósito desta ilustração no contexto social a qual a cartilha era destinada? A partir destes questionamentos objetiva-se entender as reais motivações por traz do uso discriminatório da figura no negro.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

No momento inicial dessa discussão achamos conveniente apresentar a ilustração que é a fonte principal do presente estudo. Trata-se de uma rima matemática chamada “*Erschreckliche Geschichte von den 10 Negerlein*”.

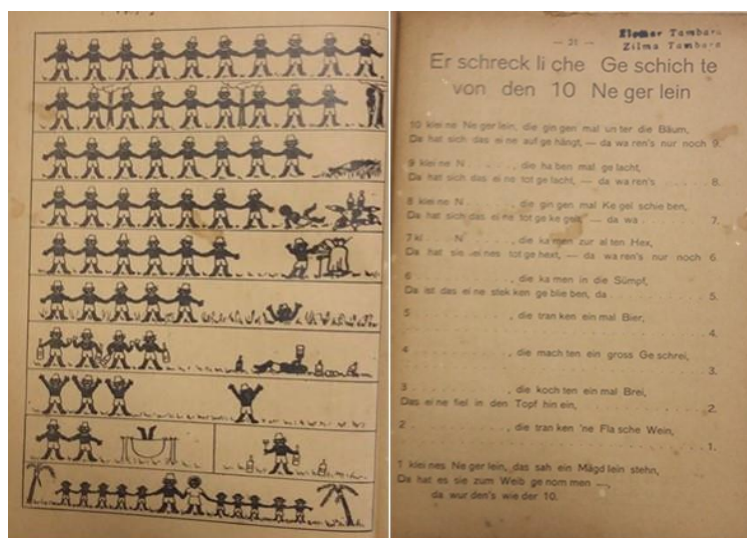


Figura 1- A terrível história dos 10 negrinhos

Fonte: *Mein Rechenbuch*, p. 20 -21

A assustadora história dos 10 negrinhos é uma atividade de cálculo matemático, cuja resolução de cada espaço ao longo do problema deveria ser completada de forma decrescente, a partir da contagem dos “negrinhos” contidos na ilustração. A rima contadora contém dez estrofes, em cada uma das quais um “negro” morre ou desaparece até sobrar apenas um único negro que casa com uma mulher negra e tem novamente 10 negrinhos, de modo que a música pode ser repetida como uma cadeia desde o começo. Assim após a criança ter resolvido o problema ela teria praticado a elaboração de um cântico.

A partir da tradução da historinha é possível destacar que, além do uso discriminatório da figura do negro, na ilustração, ele ainda é associado no canto matemático de forma pejorativa ao consumo de bebida alcoólica, à jogatina, ao suicídio, à algazarra, bem como a uma pessoa desastrosa que não consegue cumprir as atividades a que se propõem. Com base em análises de algumas versões do canto localizadas, trata-se de uma cantiga de roda infantil semelhantemente a dança das cadeiras, onde a cada estrofe uma criança é eliminada da brincadeira. É possível observar que a composição do texto com a rima da contagem está disponível em numerosas versões que nem sempre são sobre “negros”, porém em todas as estrofes um morre ou desaparece. O que difere a versão alemã criada no

Brasil em relação as demais versões localizadas é a proposta de uso dela para o ensino da matemática, sendo que as demais são de cunho literário e musical.

Tendo em vista que a ilustração segundo Pesavento (2005, p.68) “[...] estabelece uma mediação entre o mundo do espectador e o do produtor”, buscou-se entender quais os movimentos por trás da produção e elaboração do exercício.

Ao buscar problematizar estas indagações, se descobriu que a historinha “*Erschreckliche Geschichte von den 10 Negerlein*” não se trata de um texto original criado pelos autores da *Mein Rechenbuch* e sim, trata-se de uma versão alemã que remonta à música norte americana “*Ten Little Injun*” criada em 1868 por Septimus Winner. A palavra “*Injuns*” é uma variação zombeteira inglesa da palavra “índios”, portanto, a canção tratava inicialmente sobre índios e não sobre “negros”. Pouco tempo depois, 1869 a música sofreu a sua primeira adaptação para “*Ten Little Niggers*”. Esta versão teria se tornado o repertório padrão dos shows de grupos *menestréis blackface* dos EUA, nos quais os brancos com o rosto pintado zombavam dos negros. Em meados da década de 1870, a canção teria chegado à Inglaterra, onde ganhou status de uma canção infantil e encontrou distribuição para toda a Europa. As primeiras edições alemãs² que se têm registro datam do ano de 1885, coincidindo com a Conferência do Congo em Berlim, onde se tratou sobre a divisão da África, estando assim diretamente ligado ao colonialismo alemão em voga na Alemanha naquele momento.

Assim, cabe observar em Bacellar (2008) a importância da contextualização do documento. No caso é preciso observar os acontecimentos em voga no Brasil no momento em que a *Mein Rechenbuch* traz a versão “*Erschreckliche Geschichte von den 10 Negerlein*”. É preciso considerar que existia nesse momento em curso no Brasil, uma forte influência das teorias do darwinismo social que buscavam naturalizar as diferenças raciais e associar os problemas de saúde pública a miscigenação (SCHWARCZ, 1993). Existia uma ampla circulação de publicação de artigos em periódicos, além de campanhas promovidas por grupos de intelectuais, no sentido de conscientização do atraso social atribuído ao problema racial, pois atribuíam à miscigenação a formação de homens enfermos como “alcoólatras, loucos, epiléticos, alienados entre outras doenças” (SCHWARCZ, 1993, p. 216). A autora afirma ainda que se as diferenças raciais já existiam, nesse momento, elas passam a ser adjetivadas a nível mundial, como se fossem produto e produção.

Por outro lado, observa-se a partir dos estudos de Kuhn e Bayer (2018), os quais usaram como principal fonte o periódico *Unsere Schule*, um jornal da época que se dedicava a discutir a questões educacionais relacionadas ao Sínodo de Missouri. Neste material é apresentada uma discussão a respeito do conteúdo moral e educacional da cartilha *Mein Rechenbuch*, houve questionamentos se ela atendia os princípios defendidos pelo Sínodo de Missouri e se estava articulada de acordo as condições educacionais nacionais e modernas. Uma das questões era que a cartilha tendo em sua capa uma representação com figuras malignas, poderiam assim assustar as crianças, além de trazer a história dos 10 pequenos negrinhos, que poderia parecer inofensiva, mas não era apropriada para as escolas do sínodo. Assim teriam chegado à conclusão que não deveriam mais utilizar as cartilhas da editora Rotermund e sim, investir mais na produção de cartilhas matemáticas, para suprir as demandas de suas escolas.

² Informações encontradas em sites de busca alemães, cuja os créditos estão disponibilizados nas referências.

Assim é possível observar também uma mobilização por parte dos sínodos no sentido de produção e circulação de cartilhas que atendessem de forma satisfatória as práticas educativas e os interesses individuais de cada sínodo.

4. CONCLUSÕES

Pela observação dos aspectos analisados a representação é bastante elucidativa, dando a entender que existia uma prática de segregação racial por trás da rima matemática. É notório que as estratégias movimentadas no processo de produção e elaboração do exercício contribuíram para a formação do pensamento preconceituoso em relação ao negro. O que tudo indica é que seu uso reflete as concepções de brancos sobre negros e índios em épocas e acontecimentos distintos. Embora negros e índios pudessem ser vistos e representados na época como racialmente inferiores, tendo em vista que não havia naquele momento nenhum componente social atual como na discussão de integração de negros e índios. Porém nota-se que se trata de uma brincadeira de cunho racista justificada pelas teorias da inferioridade onde se buscava naturalizar e legitimar essas afirmações como se a brincadeira não fosse ofensiva e sim gracejos.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AM BEISPIEL. "**Zehn kleine Negerlein**". Portal eletrônico. Alemanha. Especiais. Acessado 14 ago. 2018. Disponível online: <http://www.zeitlupe.co.at/zehnkleine.html>

BACELLAR, C. Fontes documentais: uso e mau uso dos arquivos. In: PÍNSKY, C. B. **Fontes históricas**, 2.ed. São Paulo: Contexto, 2008, p. 23-80.

DREHER, M. N. **Igreja e Germanidade**: estudo crítico da história da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil. Porto Alegre: EST, 1984.

KREUTZ, L. **Material didático e currículo na escola teuto-brasileira do Rio Grande do Sul**. São Leopoldo: Unisinos, 1994.

KHUN, M. C.; BAYER, A. A matemática no periódico pedagógico *Unsere Schule*. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 44, p. 1-21, 2018.

PESAVENTO, S. J. **História e História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

SCHWARCZ, L. M. **O espetáculo das raças**: Cientistas, instituições e questão racial no Brasil, 1870-1930. São Paulo: Companhia Das Letras, 1993.

VOLKSLIEDERARCHIV. **Zehn kleine Negerlein**. Portal eletrônico, Alemanha. Especiais. Acessado em 23 jul. 2018. Disponível online: <https://www.volksliederarchiv.de/zehn-kleine-negerlein-uebern-rhein/>.

WEIDUSCHADT, P. **O Sínodo de Missouri e a educação pomerana em Pelotas e São Lourenço do Sul nas primeiras décadas do século XX**: Identidade e cultura escolar. 2007. 256 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Pelotas/UFPEL, Pelotas/RS, 2007.